Doi: 10.5212/Emancipacao.v.16i1.0011

Resenha da Obra: Cegueira Moral: desumanização e insensibilidade uma reflexão na sociedade de consumo.

Lucas de Moraes Barros*

Solange Aparecida Barbosa de Moraes Barros**

Nossos tempos, sem dúvida alguma, serão contados através da história, como tempos de solidão, de falta de privacidade, de novos padrões de consumo, onde nossa capacidade de conviver com o outro se torna cada dia mais intolerante. Segundo os autores:

> Tudo é permeado pela ambivalência. Não há mais nenhuma situação social inequívoca, da mesma forma que não há mais atores inflexíveis no palco da história. Tentar interpretar esse mundo em termos de categorias como bem e mal, pela ótica política e social do preto no branco e das separações quase maniqueístas, é hoje tanto impossível quanto grotesco (...)(DONSKIS,2014.p 11)

A vida social que se faz no cotidiano, tem através das mídias impressas, mas fundamentalmente nas redes sociais, proporcionado aos indivíduos espaços em que os sujeitos são destituídos de rostos de sua individualidade, atuando como atores, pessoas anônimas globais.

As relações sociais hoje se constroem nas redes sociais, onde não só se estabelecem relações inter-humanas, mas alteram-se também as relações como consumidores. Nas redes sociais não temos fidelidade permanente a aquilo que adquirimos para satisfazer algumas necessidades.

O sociólogo polonês Zygmunt Baumann através de seus escritos tem indicado a desumanização de nossos tempos. Na obra Cegueira Moral, dialoga com Leonidas Dosnkis, sobre a insensibilidade diante da dor e sofrimento do outro, da naturalização da violência, onde a tecnologia e o avanço das redes sociais têm levado a um desejo de conhecer a privacidade, o segredo das pessoas, a intimidade de suas vidas, numa total falta de sentido para tal comportamento.

O livro traz uma reflexão sobre uma (...)" possibilidade de redes cobertas do sentido de pertencimento como alternativa viável a fragmentação, a atomização e a resultante perda de sensibilidade. "(...) (DONSKIS,2014.p 19). Da necessidade de revermos valores e nossa condição humana.

O texto é construído em cinco diálogos entre os autores Donskis e Baumann. Inicia com a Introdução onde dialogam sobre a teoria da privacidade e da impenetrabilidade humana. Donskis afirma que a sociologia de Baumann busca reconstruir todas as camadas da realidade e tornar a forma de transmissão de ideias universal e acessível a todos os leitores e não somente ao espaço acadêmico. Donskis aponta que Baumann (2014, p 20) (...)"observa o observador, propõe ao proponente e fala com o falante"(...), pois segundo ele as personalidades que se aproximam de Baumann não são imaginárias, mas pessoas que foram deslocadas pela globalização.

A introdução traz a indicação de que o autor não é um teórico que relata os fatos de maneira linear, mas de forma pontilista, envolvendo as pessoas comuns e não os grandes pensadores ou sujeitos representados como heróis. A simpatia de Baumann está, de forma manifesta, do lado dos perdedores da modernidade, não de seus heróis. (DONSKIS, 2014, p.10)

Donskis, afirma que vivemos uma época em que através das redes sociais é possível um

*Administrador formado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa-Pr, Mestre em Administração pela Universidade Federal do Paraná--PR. E-mail: lbarros89@gmail.com

**Assistente Social formada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, Doutora em Serviço Social pela PUC São Paulo.Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa e do curso de graduação em Serviço Social - UEPG. Ponta Grossa, Brasil. E-mail: solangemoraesbarros@gmail.com

drama social tornar-se conhecido e partilhado por muitos que não tem nada em comum com eles. Na política as redes sociais são usadas para despertar paixões e ódios. Esse mundo deixou de controlar a si mesmo, embora busque enfaticamente controlar os indivíduos, não consegue responder suas dúvidas nem diminuir suas tensões, mesmo sendo criada por ele mesmo.

O autor afirma que vivemos uma realidade de possibilidades, não de dilemas. "É obrigatório espionar e vazar, embora não esteja claro por que motivo e com que finalidade. Isso é algo que deve ser feito apenas porque é tecnologicamente viável. Há aí um vácuo moral criado por uma tecnologia que sobrepujou a política."(DONSKIS, 2014, p.13)

Assim, a obra busca numa variação de Milan Kundera, indicar que:

> (..)a globalização é a última esperança fracassada de que, em algum lugar, ainda exista uma terra para a qual se possa fugir e onde encontrar a felicidade. Ou a última esperança fracassada de que, em algum lugar, ainda exista uma terra diferente da sua, opondo-se ao senso de insignificância, à perda de critérios e, em última instância, à cegueira moral e à perda da sensibilidade. (DONSKIS, 2014, p.20)

No tópico um intitulado: "Do diabo a pessoas assustadoramente normais e sensatas", os autores trazem um panorâmico histórico sobre como surgiu o conceito de "mal" e a figura do "diabo". Destaca a organização da burocracia na estrutura de poder e como a política perdeu importância diante da tecnologia.

A reflexão sobre tudo que é privado torna-se potencialmente público, disponível até o fim dos tempos, pois segundo os autores a internet não pode ser forçada a esquecer de nada que tenha sido registrado em algum de seus servidores. O resultado disso é uma sociedade confessional com situações vividas no cotidiano e divulgadas em praça pública. E os que relutam em ingressar nesse mundo são ensinados que a versão atualizada do *Cogito* de Descartes é "Sou visto, logo sou" e quanto mais pessoas me veem mais eu sou (BAUMANN 2014, p.37).

Dosnkis, afirma nesse tópico, que dificilmente é possível compreender o fenômeno da perda de sensibilidade sem o conceito de adiaforização da conduta humana, buscando na origem grega do termo Adiaphoron, algo desimportante, ou seja, coisas que não merecem atenção. Afirma que tal expressão nos traz uma saída temporária para nossa zona de sensibilidade.

Baumann aponta que a adiaforização para ele, significa construir estratégias intencionais ou não para declarar determinadas ações ou inações moralmente neutras, impedindo que as escolhas entre elas sejam submetidas a um julgamento ético. Na linguagem , segundo o autor ,há um reforço da ideia de que "os fins justificam os meios", ou "embora esse ato possa ter sido ruim, ele era necessário para defender ou promover o bem maior." Baumann difere de Donskis quando afirma que para ele tal termo não significa "desimportante", mas "irrelevante ou indiferente." (BAUMNN, 2014.p.52).

No tópico dois, intitulado: "A crise da política e a busca de uma linguagem da sensibilidade," surge um interessante debate entre os dois autores, de como os intelectuais têm futuro e compartilham as ideias de outros autores que afirmam que os intelectuais continuam sendo bons na formação de comunidades críticas. Vivemos, segundo os autores, uma época de obsessão pelo poder. Baumann traz nesse diálogo o papel da tecnologia, e como temos atribuído a ela problemas sociais, mas nesse momento nos lembra,

> (..) machados podem ser usados para cortar lenha ou decepar cabeças. A escolha não é dos machados, mas de quem os segura. Qualquer que seja a escolha, o machado não vai se importar', ou seja, " a tecnologia em si não vai " promover o avanço da democracia e dos direitos humanos" por você (e em seu lugar).(BAUMANN,2014 p.73)

No diálogo três intitulado: "Entre o medo e a indiferença: a perda da sensibilidade" os autores trazem um novo componente aos nossos tempos, o medo. Há uma critica a exposição pública do reality show e outras formas de autoexposição em troca de atenção e fama. Os autores afirmam que por trás dessa exposição está o medo de desmoronar, o medo da desimportância, de estar distante do mundo da TV e da mídia, o que equivale e se tornar um ninguém.

Segundo Baumann a cultura do medo gera uma política do medo. Advém dai a necessidade constante de consumir segurança, nos aparatos

cada vez mais sofisticados de proteção contra outros seres humanos. O autor afirma que o tratamento dado aos estrangeiros hoje, é tratado como simples problema de segurança, mas há uma tendência a estereotipar todos eles, ou mesmo tratá-los com sujeitos estranhos ao nosso dia a dia. Esse item propicia um diálogo intenso entre os dois autores, como um ir e vir harmonioso e complementar de uma fala e outra convidando a uma reflexão profunda sobre nossos tempos.

No diálogo apresentado no item quatro "Universidade do consumo: o novo senso de insignificância e a perda de critérios", os autores indicam a dúvida presente (...) " a universidade vai sobreviver no século XXI como instituição clássica e identificável de educação e cultura"?. (DONSKIS,2014 p.163). Para o autor tal questão não parece mais ingênua nem incorretamente formulada.

A concepção de que somente as melhores instituições resistam e sobrevivam, passa ainda pela ideia geral que os docentes consigam eles mesmos recursos para estudos e pesquisa, independente da ajuda do Estado ou da universidade. Tal postura segundo o autor endossa uma lógica de realizações e resultados rápidos.

> Em essência, uma universidade, que em teoria deve seguir uma lógica (fielmente seguida durante séculos) de pensamento deliberado, criatividade paciente e existência equilibrada, é agora forçada a se tornar uma organização capaz de reagir depressa às flutuações do mercado, assim como às mudanças da opinião pública e do ambiente político. Esse é o preço que pagamos pela educação superior das massas numa democracia e numa sociedade de massas. (DONSKIS,2014 p.165).

No diálogo cinco os autores trazem a reflexão "Repensando *A decadência do Ocidente".* Momento em que trazem à tona a preocupação com a Europa e seu declínio, para isso usam o título da obra de Oswald Splengler. Tal autor reforça as ideias de Kant quando acredita que europeus são bastante civilizados em relação aos modos e polidez, nas artes e nas ciências, mas ainda tem longo caminho a percorrer para se tornarem criaturas verdadeiramente morais.

Sem dúvida alguma os autores trazem questões controversas como o avanço da tecnologia como espaço de inclusão digital, mas, ao mesmo tempo, as contradições presentes nesse avanço, como exposição pública, sentimento de pertencimento pelo acolhimento nas redes sociais (facebook, twitter, whatsapp), contradições entre a importância da tecnologia e suas consequências à humanidade.

A temática da universidade instiga o leitor a pensar sobre o futuro da educação e importância da reflexão sobre o papel dos docentes nesse universo global, qual será o futuro de tal instituição? Qual o papel do Estado diante da necessidade de investimentos em tal espaço de formação?

A obra requer leitura atenta, cuidadosa e com muita motivação para abertura as inquietações dos autores, abertura ao outro. Enfim nos convida a refletir sobre temas atuais, significados, e conceitos que fariam a humanidade se humanizar e se colocar diante dos desafios atuais com mais sensibilidade e generosidade, permitindo ao leitor rever conceitos e abrir-se a novas possibilidades.

Referência Bibliográfica

BAUMANN,Zygmunt e DONSKIS,Leonidas. **Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade liquida.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 1ª-ed.- Rio de Janeiro: Zahar, 2014.